

ÉTICA E DEONTOLOGIA PROFISSIONAL

Teotónio Lima

-
1. A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DE TREINADORES COMO FATOR DE DESENVOLVIMENTO DESPORTIVO
 2. ÉTICA E DEONTOLOGIA PROFISSIONAL
 3. SER TREINADOR: SABER ESTAR E SABER SER
-

Índice

1. A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DE TREINADORES COMO FATOR DE DESENVOLVIMENTO DESPORTIVO	3
1.1 A realidade desportiva em Portugal	3
1.2 A importância e necessidade da formação dos treinadores	8
1.3 O Programa Nacional de Formação de Treinadores	10
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37



1. O(A) TREINADOR(A) DE GRAU I NO CONTEXTO DA PEDAGOGIA APLICADA AO DESPORTO
2. A INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA DO(A) TREINADOR(A) DE GRAU I
3. OS PAIS NA PRÁTICA DESPORTIVA DAS CRIANÇAS E JOVENS





OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

A aprendizagem dos objetivos é essencial para a aquisição de competências dos formandos. Os candidatos devem entender que o desporto ganhou estatuto de solidário com o processo de evolução e de transformação do mundo, com os valores culturais, económicos e políticos que o caracterizam. Todos eles se projetam para o futuro.

A grande questão consiste em

determinar concretamente qual a utilização mais adequada do desporto no sentido de dar resposta aos princípios fundamentais e objetivos formulados na Constituição Portuguesa e na Declaração Universal dos Direitos do Homem. Assim, a ética desportiva é a vertente da Ética aplicada à prática social do Desporto que abarca um domínio de uma filosofia moral dignificante, que tem por

objetivo o comportamento correto do treinador segundo diretrizes que enquadram esse comportamento no exercício das suas atividades sociais e profissionais. Significa tudo isto que a aprendizagem promovida na área dos deveres do treinador implica, em todas as suas intervenções, «o respeito pelos participantes e pelas personagens do universo do desporto».

1. A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DE TREINADORES COMO FATOR DE DESENVOLVIMENTO DESPORTIVO

1.1 A realidade desportiva em Portugal

Duas premissas condicionaram a elaboração de todo o presente documento: uma, a que foi apresentada por José de Sousa Esteves, no seu livro *O Desporto e as Estruturas Sociais*¹, a qual referia que o fenómeno desportivo deve ser entendido na perspetiva das estruturas sociais; outra, a que salientava Melo de Carvalho², “que no nosso tempo a competição penetrou em todo o património cultural a ponto de constituir a manifestação mais atual da motivação profunda do ser humano em todo o seu comportamento social.”

Para compreendermos o desporto enquanto fenómeno social, há que situarmo-nos numa posição crítica e de análise sobre a evolução que a nossa sociedade vem sofrendo desde a década de 1970 e fundamentalmente ao que vem sucedendo desde 25 de Abril de 1974.

¹ Esteves, J. S. (1970) – *O Desporto e as Estruturas Sociais*. Prelo Editora. Lisboa. 2.ª Edição.

² Carvalho, A. M. (sem data) – *Desporto Educativo Escolar*. DGD. Lisboa.



³ Crespo, J. (1976) – *O desenvolvimento do desporto em Portugal*. Edições ISEF. Cruz Quebrada. Lisboa



(...) o Desporto, na medida em que foi ultrapassando os seus aspetos utilitários imediatos, criou valores que lhe deram características bem vincadas de verdadeira dimensão da cultura humana, porquanto o seu progresso tem sido resultante da atividade criadora do Homem e da ação da Sociedade.



É, para nós, é essencial ter presente que a Educação Física e o Desporto são para o Homem formas de expressão que, além de contribuírem para o seu aperfeiçoamento, são também um meio de aceder ao seu próprio conhecimento, à descoberta de cada um.

Compreender a evolução do desporto exige que se tenha em conta as grandes linhas de rumo que foram traçadas pela Constituição da República Portuguesa: a responsabilidade de definir, para o nosso domínio de atividade, uma nova axiologia de acordo com os dados atuais da ciência e da pedagogia e, em especial, conforme com as características de um mundo em permanente mudança. Não se dispensa, aqui e agora, um contributo de Jorge Crespo³:

“Parece que é possível, neste momento, apropriarmo-nos de um caminho mais adequado e tendo em consideração a grande realidade à qual a nossa atividade se deve permanentemente referir – o homem e o mundo, em permanente relação e em contínua mudança. E se este constitui um ponto de partida que nos parece certo aceitar, um outro aspeto convém não esquecer, o de que as nossas preocupações deverão dirigir-se sistematicamente para o futuro, num sentido prospetivo que não nos deixe, nunca mais, na situação de nos encontrarmos ultrapassados pelos acontecimentos.

É, para nós, essencial ter presente que a Educação Física e o Desporto são para o Homem formas de expressão que, além de contribuírem para o seu aperfeiçoamento, são também um meio de aceder ao seu próprio conhecimento, à descoberta de cada um. Esta bivalência comprova, desde já, o seu particular dinamismo e o importante papel que assumem como possíveis aferidores da evolução humana.”

Neste nosso tempo, não há dúvida de que o desporto ganhou estatuto de solidário com o processo de evolução e de transformação do Mundo, com os valores culturais, económicos e políticos que o caracterizam e se projetam, todos eles, para o futuro.

Podemos afirmar, por outro lado, que o Desporto, na medida em que foi ultrapassando os seus aspetos utilitários imediatos, criou valores que lhe deram características bem vincadas de verdadeira dimensão da cultura humana, porquanto o seu progresso tem sido resultante da atividade criadora do Homem e da ação da Sociedade. É precisamente nesta medida que o desporto se reconhece como solidário das transformações, das mudanças e da evolução do Mundo, com os valores que o caracterizam e que se enquadram nos projetos de futuro.

Ninguém duvida de que o Desporto, mesmo quando se alia a aspetos secundários da vida humana, adquire, nos dias que correm, uma feição significativa, não só porque pode ser um fator de enriquecimento humano mas também porque pode ser utilizado contra os interesses e valores do Homem.



! (...) considera-se indispensável admitir que atualmente o desporto é socialmente e culturalmente quase universal.

A grande questão consiste em determinar concretamente qual a utilização mais adequada do desporto no sentido de dar resposta aos princípios fundamentais e objetivos formulados na Constituição e nos Direitos do Homem. Para tanto, considera-se indispensável admitir que atualmente o desporto é socialmente e culturalmente quase universal. Encontramos o desporto em todos os continentes e sob as mais diversas formas. Os estudos relativos ao fenómeno do desporto publicados nos últimos quarenta anos, apesar de se terem multiplicado consideravelmente, e as análises conceptuais visando circunscrever-se ao universo complexo do desporto têm sido pouco numerosas, mesmo raras. Entendem os autores que a publicação de uma obra onde se propõe a abordagem da cultura desportiva apenas possa vir a interessar aqueles que pretendem ter uma melhor compreensão desta atividade humana.

Trata-se de proceder a um estudo que represente um contributo para a construção de um conceito de desporto que permita de ora em diante apreender e compreender este fenómeno sociocultural como um sistema.




A grande questão consiste em determinar concretamente qual a utilização mais adequada do desporto no sentido de dar resposta aos princípios fundamentais e objetivos formulados na Constituição Portuguesa e na Declaração Universal dos Direitos do Homem. Para tanto, considera-se indispensável admitir que atualmente o desporto é socialmente e culturalmente quase universal.

A interpretação que se propõe deixa antever uma renovação do discurso sobre o desporto porque torna possível o aparecimento de estudos, investigações e comparações que, até ao presente, dificilmente eram concebíveis.

⁴ Guay, Donald (1993) – *La Culture Sportive*. Presses Universitaires de France. Paris. Pag. 10

⁵ Pereira, J. P. (2002) – *Um país envenenado pela irrelevância*. Público, 20 Junho 2002. Pag. 9

 (...) O futebol e a sua galáxia, os seus múltiplos negócios anexos, a sua corte de dirigentes, jornalistas do ramo, comentadores, representam hoje para o país uma atividade sem qualquer utilidade pública, bem pelo contrário.

A teoria exposta será seguramente considerada como uma achega à evolução do conhecimento e à compreensão do desporto como um importante fenómeno social dos fins do século XX e do princípio do século XXI. A consulta da literatura sobre desporto publicada nos últimos trinta anos permite explicar que, apesar da sua amplitude, designadamente de estudos e de trabalhos de investigação, a teoria do desporto se apresenta como um terreno deixado em pousio.

A deficiência das “ferramentas” conceptuais para estudar o desporto como fenómeno sociocultural é flagrante. Não se tem conseguido propor uma construção do conceito de desporto que seja operacional de um modo satisfatório. Esta situação é claramente um obstáculo para se ultrapassar a falta de conhecimento e de compreensão desta realidade sociocultural.

Para o conseguir, houve que lançar mão do estudo levado a cabo por Donald Guay⁴, que nos apresenta, em livro, o resultado do seu trabalho justamente na tentativa de construir o conceito de desporto de maneira que o fenómeno seja circunscrito como objeto de observação e que o seu campo seja delimitado de um modo relativamente satisfatório.

Nos últimos trinta anos, o desporto nacional tem sido campo de inúmeras atividades e debates numa procura de saídas e novas abordagens aos problemas e questões que têm impedido o efetivo desenvolvimento de todas as respetivas manifestações e práticas.

A ser a realidade desportiva de Portugal tal como comentou José Pacheco Pereira⁵ no seu escrito no *Público*: “Só de genuína náusea pode ser a reação saudável ao ver-se a vida pública portuguesa completamente envenenada pela irrelevância, sob forma atual da doença do futebol. Num país com sérios problemas de desenvolvimento, com um atraso que ameaça tornar-se endémico em relação à Europa, com graves problemas estruturais em todas as áreas decisivas do Estado, da educação à saúde, da administração pública à segurança, nada mais se faz do que empurrar incansavelmente um moinho de orações à banalidade, à vacuidade, e a tudo o que é mau nos hábitos individuais e coletivos dos portugueses. Não se vislumbra no assunto futebolístico, que ocupa três quartos das “notícias”, que domina a esmagadora maioria das conversas, que suscita a quase totalidade das excitações, que provoca a inundação de palavras e imagens do nosso espaço público, qualquer valor educativo, qualquer sentimento nobre, qualquer benefício para a coletividade e para o país, nada de que resulte qualquer melhoramento individual ou coletivo. Desafio alguém a mostrar-me o contrário. O futebol e a sua galáxia, os seus múltiplos negócios anexos, a sua corte de dirigentes, jornalistas do ramo, comentadores, representam hoje para o país uma atividade sem qualquer utilidade pública, bem pelo contrário. Seria corajoso e saudável retirar-lhe tudo a que efetivamente não tem direito em termos de regalias, isenções fiscais, benefícios e outros e deixar que o mundo do futebol – que nada tem a



ver com o desporto futebol – seja pago pelos adeptos exclusivamente e não pelos contribuintes. Seria bom que isso acontecesse para que o Estado, como pressuposta pessoa de bem, não estivesse envolvido no espetáculo público do futebol, que é hoje pernicioso para o país. Os portugueses mostram uma excecional vocação para estarem sentados na bancada e do alto da sua meia dúzia de metros, perorar sobre o resto do mundo, “sabendo e opinando” sobre tudo. “Treinadores de bancada”, eis um desígnio nacional. E de que falam os “treinadores de bancada”? Da “culpa”. Como o vociferante de café, que acha que ele próprio não tem culpa de nada, vive-se com a obsessão da “culpa”, de preferência alguém “poderoso”, alguém que não seja tão mesquinho como eu. E fala, fala, fala. E hoje tem cem microfones, fora programas em direto para espalhar esse imenso manto de “culpa”. É como uma doença, a doença da mediocridade feita de palavras fáceis, sem trabalho, sem responsabilidade. Desafio alguém a mostrar-me a utilidade desta espécie de masturbação coletiva.”

O que acontece no âmbito das atividades do desporto federado para que José Pacheco Pereira se pronuncie com tanta dureza sobre o futebol? O que fazem e o que podem fazer as federações? As federações procuram aumentar o número dos praticantes e de clubes seus filiados disponíveis para participar nas competições federadas, seja a nível nacional, seja regional⁶. Toda a atividade de uma federação visa dar acolhimento ao maior número possível de praticantes, masculinos e femininos, subdivididos em diversas categorias e escalões etários.



⁶ Lima, Teotónio (1981) – *Alta Competição. Desporto de Dimensões Humanas?* Livros Horizonte. Pag.55/58



Para mobilizar e atrair esses praticantes, uma federação e as respetivas associações regionais são obrigadas a organizar competições em condições organizativas que assegurem o respetivo acolhimento em quadros competitivos bem definidos. A realidade é que uma federação não forma diretamente praticantes nem estrutura novos clubes, nem novas associações.

O que podemos concluir é que as federações e as associações são estruturas organizativas que dão resposta ao crescimento do número de praticantes da modalidade que enquadram e proporcionam quadros competitivos de acolhimento e aos quais correspondem regulamentação própria por elas promovidos e aprovados. Podemos concluir ainda que, face à legislação em vigor, a simples criação de uma categoria ou de um escalão etário, decididos por uma federação, não constituem, por si só, fatores que tenham como consequência o aumento do número de praticantes ou de clubes. Responsabilizar as federações pelo número de praticantes é, no mínimo, desconhecer os condicionamentos a que estão submetidas pelas leis e pelos seus próprios estatutos!



Ao pretender promover o desenvolvimento da sua modalidade, ao procurar proceder ao aperfeiçoamento técnico dos seus filiados, uma federação procede por via indireta através de:

- **regulamentação das provas nacionais** estabelecendo condições de acesso aos quadros competitivos: critérios de passagem dos regionais aos nacionais e de subidas de divisão.
- **preparação das equipas de seleção** representativas do país em competições internacionais.
- **realização de estágios de aperfeiçoamento de praticantes** das diversas categorias, normalmente vinculados à prospeção dos “valores selecionáveis”.

Não é uma intervenção regular, sistemática ou profunda. É uma intervenção que se circunscreve a um número limitado de clubes. Os praticantes envolvidos nestas ações não são agentes de transmissão ou de ensino de conhecimentos adquiridos mas apenas, e quando muito, serão divulgadores de algumas das experiências vividas.

1.2 A importância e necessidade da formação dos treinadores

A melhoria qualitativa promovida através da formação permanente dos técnicos desportivos constitui outra possibilidade que se reveste, no entanto, de diversas limitações, dado que as federações não dispõem de um quadro técnico especificamente preparado e vocacionado para as tarefas pedagógicas da formação de treinadores⁷.

Na prática, as federações interessadas na atualização dos treinadores têm-se limitado a levantar as suas necessidades e têm vindo a ser apoiadas com a realização de cursos de treinadores ou de outras ações de cariz técnico-pedagógico. A formação de treinadores tem constituído um nó górdio do desporto federado, dado que foi sempre uma temática mal vista pelas federações e por muitos dirigentes desportivos que jamais defenderam uma solução adequada ao desenvolvimento de todas as modalidades. Registe-se a propósito a publicação em 2010 do Programa Nacional de Formação de Treinadores, editado pelo Instituto do Desporto de Portugal, como tomada de posição governamental sobre a problemática da formação de treinadores para o desporto português. Sobre esta temática, permitimo-nos transcrever a opinião de Vasconcelos Raposo publicada no jornal *A Bola* em 20 de maio de 2010⁸:

A afirmação de que a formação dos treinadores constitui um dos mais importantes pilares para o desenvolvimento desportivo é uma realidade recorrente. Isto significa que a legislação que enquadra tudo o que se refere à formação daqueles profissionais deve também ter em conta a realidade

⁷ Como exceção temos de referir a existência da Escola Nacional de Basquetebol a funcionar no seio da Federação Portuguesa de Basquetebol.

⁸ Raposo, Vasconcelos (2010) – Formar treinadores. Opinião. Jornal *A Bola*. Pag.39. 20. maio.

A importância da formação de treinadores como fator de desenvolvimento desportivo



**TREINADOR
Grau I**

40H + 40H
FORMAÇÃO GERAL + FORMAÇÃO ESPECÍFICA

+
600H
ESTÁGIO PROFISSIONAL

ÉTICA E
DEONTOLOGIA
PROFISSIONAL

e as necessidades do nosso país. Tendo surgido em março o despacho do presidente do IDP sobre a formação dos treinadores, despacho cujo aparecimento se saudou, importa que se clarifique alguns aspetos para, após análise de quem de direito, se introduza algumas correções. Abordemos hoje uma primeira. Quando se fala sobre a formação do treinador de grau 1 e cuja área de intervenção se destina à iniciação da prática numa modalidade desportiva e cuja formação é composta por 40 horas de formação geral mais 40 horas de formação específica a que se juntam 600 horas de um estágio profissional, questiona-se qual a necessidade de, no exercício da sua profissão, ter de depender de uma supervisão. Isto é, não ter autonomia para o desempenho da sua função. Considerando a realidade nacional e a necessidade de fazer surgir locais de prática distribuídos por todo o país não será de se rever esta situação encontrando outras alternativas? Considero haver uma manifestação de falta de confiança no efeito que a formação irá ter nos candidatos. Com os conteúdos definidos, com preletores competentes, com a operacionalização do curso no que respeita ao número de pessoas a assistirem ao mesmo e a um estágio profissionalizante, devidamente orientado, julgo estarem reunidas as condições para se confiar na qualidade e segurança metodológica de um cidadão que recebe o Título Profissional de Treinador de Desporto. Tendo por base outra lei que impõe a existência de responsáveis técnicos nas instalações desportivas, justifica, na minha opinião, para se refletir sobre a temática da formação dos treinadores. O pior é onde não existe ninguém e estes técnicos vão ser importantes para o arranque das atividades desportivas.





1.3 O Programa Nacional de Formação de Treinadores

O Programa Nacional de Formação de Treinadores estabelece o novo modelo de formação de treinadores, com destaque para os seguintes pontos: aumento da exigência da carga horária, formação em exercício, estágio tutorado e responsabilidade das federações desportivas com estatuto de utilidade pública desportiva. Os treinadores que obtenham aprovação no novo regime de formação terão direito ao Título Profissional de Treinador Desportivo, o qual poderá ser obtida por quatro vias:

- a) Formação técnico-profissional;
 - i) Sistema Nacional de Qualificações;
 - ii) Formação Certificada pelo IPDJ, I.P.
- b) Formação académica;
- c) Reconhecimento de competências;
- d) Reconhecimento de títulos obtidos no estrangeiro.

Resta saber se este novo Programa Nacional de Formação de Treinadores terá uma incidência concreta sobre o desporto nacional e dará aos portugueses o enquadramento necessário às práticas das modalidades federadas mais representativas do nosso universo desportivo. Fazemos os melhores votos para que assim seja. Continuamos a pensar que as Federações, para serem responsabilizadas pelo enquadramento das atividades dos praticantes, dos treinadores, dos árbitros, têm de se atualizar elas próprias no âmbito dos dirigentes.



O desporto já não é a prática de uma modalidade para jogar com os companheiros dos tempos em que os hoje dirigentes conheceram e contactaram com as atividades desportivas.

Quem quer estar no desporto deste milénio tem de responder a novas exigências e novos saberes, pois que já não basta ter sido praticante ou dirigente de um clube na década de 1970!



Índice

2. ÉTICA DESPORTIVA E DEONTOLOGIA PROFISSIONAL	12
2.1 Os deveres do treinador	13
2.2 Responsabilidades do treinador. Procedimentos éticos	16
2.3 A integridade no relacionamento com os outros	18
2.4 Honrar o desporto	20
2.5 Áreas de relacionamento do treinador	22
CONCLUSÕES	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37

1. O(A) TREINADOR(A) DE GRAU I NO CONTEXTO DA PEDAGOGIA APLICADA AO DESPORTO

2. A INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA DO(A) TREINADOR(A) DE GRAU I

3. OS PAIS NA PRÁTICA DESPORTIVA DAS CRIANÇAS E JOVENS





OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

Em todas as atividades do seu relacionamento com os praticantes, o treinador tem de enquadrar-se nos princípios da ética desportiva. É indispensável convencer o formando da necessidade de fixar e recorrer à aplicação, em prioridade, dos princípios definidos para as relações do treinador com todos os participantes nas práticas do treino e com as personagens do universo do desporto com quem contacta no dia a dia.

2. ÉTICA E DEONTOLOGIA PROFISSIONAL

A ética desportiva é a vertente aplicada da ética à prática social do desporto que abarca um domínio de uma filosofia moral dignificante, que tem por objetivo o comportamento correto do indivíduo segundo diretrizes que enquadram esse comportamento no exercício das suas atividades sociais e profissionais. A deontologia profissional representa o conjunto de deveres, princípios e normas adotadas por um determinado grupo profissional. **Uma e outra não podem deixar de ser respeitadas no quadro do relacionamento global estabelecido pelos treinadores no âmbito das suas atividades profissionais e no exercício das respetivas funções.**





ÉTICA DESPORTIVA // A ética desportiva é a vertente da ética aplicada à prática social do desporto que abarca um domínio de uma filosofia moral dignificante, que tem por objetivo o comportamento correto do indivíduo segundo diretrizes que enquadram esse comportamento no exercício das suas atividades sociais e profissionais.

DEONTOLOGIA PROFISSIONAL // A deontologia profissional representa o conjunto de deveres, princípios e normas adotados por um determinado grupo profissional.




2.1 Os deveres do treinador

Respeito pelos participantes e pelas personagens do universo do desporto. O treinador tem a obrigação ética de respeitar todos os que participam nas atividades desportivas no exercício de funções que lhes são próprias.

-  O treinador atua e dirige, quer nas modalidades desportivas individuais, quer nas modalidades desportivas coletivas, um vasto conjunto de atividades que abarcam o ensino e a aprendizagem, a orientação desportiva, o treino desportivo e a competição desportiva numa determinada modalidade em que se especializou.
-  Para tal, tem de estabelecer um relacionamento com os membros do universo da sua modalidade desportiva – os praticantes que constituem a equipa que dirige, os elementos da sua equipa técnica, os juízes e os árbitros que enquadram as competições, os dirigentes da modalidade, os praticantes da equipa adversária, os representantes dos órgãos da comunicação social, os espetadores que acompanham as competições e o público em geral.
-  Para que esse relacionamento seja eficaz, tem de ganhar a confiança de todas aquelas pessoas e tem de confiar nos praticantes sob a sua orientação. Isto é possível se respeitar e aplicar, em todas as suas intervenções, os princípios e as regras de uma conduta coerente com a ética desportiva.
-  Tem de pôr à prova as suas qualidades pessoais, dando provas disso no seu quotidiano do exercício profissional. Para este efeito, deve demonstrar pela sua conduta social, pelo comportamento e atitudes, que é um profissional íntegro, leal, honesto, cumpridor e uma referência no seu universo desportivo.

Em todas as atividades do seu relacionamento com os praticantes, o treinador tem de enquadrar-se nos princípios da ética desportiva. Isto sucede nas ocorrências que se seguem.

-  **RESPEITA OS OUTROS** – os praticantes, os adversários, os árbitros, os dirigentes, os espetadores e o público, os representantes da comunicação social. Na sua conduta é cortês, respeita a dignidade, a privacidade e a liberdade dos praticantes, é tolerante e aceita as diferenças individuais não recorrendo a qualquer manifestação de violência.





- ✔ No domínio das suas intervenções, durante o processo da preparação desportiva dos atletas/jogadores, o treinador tem de estabelecer um relacionamento adequado ao perfil etário e psicológico de cada um deles.
- ✔ É RESPONSÁVEL – conhece e cumpre os seus deveres, procede de acordo com a deontologia profissional, aceita as suas responsabilidades, faz sempre o seu melhor, procura sempre autocontrolar-se.
- ✔ É JUSTO – trata todos com igualdade de critérios, tem abertura e é imparcial para com todos os membros da equipa, é criterioso nas suas decisões.
- ✔ É COMPREENSIVO – trata todos com compreensão e é atencioso, sabe desculpar os praticantes pelas suas falhas.
- ✔ É CARIDOSO – é altruísta e contribui para a melhoria da vida de todos; ajuda quem precisa.
- ✔ Exerce a cidadania com correção. É bom cidadão e é bom vizinho. Respeita as autoridades e as leis.

O treinador entende a ética desportiva como a maneira habitual de ser, como o conjunto dos usos e costumes que constituem «a prática social» dos grupos e das sociedades humanas, com quem estabelece um efetivo relacionamento. Nesta medida, tem por objetivo principal, na sua ação formadora, promover a aquisição e fixação de hábitos, de atitudes e comportamentos que, pela força da repetição pedagógica em situações concretas, constituam «novas manifestações de um agir consciente» resultando em atos desportivos exigidos pela competição em que participam os praticantes da sua modalidade.

A CONDUTA PESSOAL DOS TREINADORES

- ✔ A conduta pessoal deve transmitir sinais claros de comportamento social e refletir uma imagem pública de grande correção da sua modalidade e do desporto no seio dos praticantes, dos demais treinadores, dos juizes e árbitros, dos dirigentes, dos espectadores, dos profissionais de informação e do público em geral.
- ✔ Devem respeitar e tratar todas as pessoas da mesma forma no âmbito da sua atividade, independentemente do sexo, da orientação sexual, da origem étnica, da crença religiosa ou da filiação política.

- Devem contribuir para que os praticantes não sejam adictos do álcool, do tabaco e das drogas, não fumando nem bebendo na presença dos praticantes.
- Devem ser defensores de todas as medidas de antidopagem.

O RELACIONAMENTO COM OS TREINADORES EM GERAL

- Os treinadores não devem prejudicar a reputação dos outros treinadores (de todas as demais modalidades), nem dos professores por interesses de ordem pessoal.
- Quando um praticante muda de filiação clubista e de treinador, ambos os treinadores devem estabelecer a comunicação necessária e cooperar na troca de informações que entendam apropriadas.

O RELACIONAMENTO DO TREINADOR COM OS PRATICANTES

- O bem-estar, a saúde e o futuro dos praticantes constituem a principal preocupação dos treinadores.
- Deve informar-se junto dos praticantes e dos seus familiares sobre os tratamentos médicos que eventualmente estejam a receber.
- Deve estar seguro de que as atividades se ajustam às respetivas idades, experiência, capacidades e condições físicas e psicológicas dos atletas.
- Deve defender a confidencialidade de todas as informações referentes aos praticantes, a menos que sejam exigíveis para efeitos de controlo antidopagem.
- Deve evitar qualquer comportamento que represente um abuso de poder inerente à sua função profissional.


O RELACIONAMENTO COM OS REPRESENTANTES DA ARBITRAGEM

- Deve respeitar todas as decisões dos elementos das equipas de arbitragem.
- Deve acatar as decisões dos juizes e árbitros sem protestar, mesmo que estejam erradas.



O RELACIONAMENTO COM OS ESPECTADORES

- ▶ O treinador deve respeitar a ordem pública e não ripostar às manifestações dos espectadores mesmo quando estas representam uma provocação.

 O treinador tem a obrigação ética de respeitar todos os que participam nas atividades desportivas no exercício de funções que lhes são próprias.

2.2 Responsabilidades do treinador: procedimentos éticos

A filosofia de responsabilidade é um princípio que deve ser seguido pelo treinador em todas as suas atividades, visando o benefício da sociedade em geral e dos participantes em particular, sem nunca pretender prejudicá-los. O conceito de competência é fundamental para implementar esse princípio de responsabilização do treinador – maximizando os benefícios e minimizando os riscos para os praticantes – quando levados à prática por treinadores que estão bem preparados e sempre atualizados nos seus conhecimentos. **Um treinador responsável demonstra nas suas intervenções o seguinte:**



Para aprofundar esta temática, sugere-se a leitura de diversos recursos e textos pedagógicos elaborados pelo **Plano Nacional de Ética no Desporto**, nomeadamente “Ética no Desporto – Linhas Orientadoras para Treinadores” em:

www.pned.pt

Atua no melhor interesse do desenvolvimento do praticante enquanto indivíduo.

Reconhece as limitações dos seus saberes e conhecimentos.




Treinador

Reconhece o poder inerente à função de treinador.

Tem consciência dos seus valores pessoais e como esses valores afetam as práticas que administra.

Aceita a responsabilidade de trabalhar com outros treinadores e outros profissionais do desporto.

 A filosofia de responsabilidade é um princípio que deve ser seguido pelo treinador em todas as suas atividades, visando o benefício da sociedade em geral e dos participantes em particular, sem nunca pretender prejudicá-los.



PADRÕES DE COMPORTAMENTO ÉTICO

1. O treinador é responsável pela aquisição do mais alto nível de competência profissional, recorrendo para o efeito à formação qualificada e ao treino apropriado.
2. O treinador deve manter-se atualizado nas áreas da sua competência profissional, recorrendo à informação e ao conhecimento, aos saberes do treino, do ensino das técnicas e da pesquisa por intermédio de projetos pessoais, discussão com colegas, reuniões de trabalho, cursos, conferências, entre outros, de modo a assegurar que o seu trabalho beneficia aqueles que recorrem aos seus serviços.
3. O treinador deve avaliar como as suas experiências pessoais – atitudes, crenças, valores, estatutos socioeconómicos, diferenças individuais e influências exercidas enquanto treinador integram os esforços feitos em benefício dos outros.
4. O treinador deve agir de modo a beneficiar os atletas, a impedir prejudicar os atletas e atuar com consciência em benefício do atleta, mantendo presente que o mesmo treino, as mesmas técnicas e os mesmos poderes a que recorre tanto podem ser positivos como produzir efeitos perniciosos.
5. O treinador deve reconhecer os limites dos seus conhecimentos e das suas capacidades no âmbito concreto das respetivas atividades, evitando assumir responsabilidades para as quais está insuficientemente preparado.
6. O treinador deve reconhecer e aceitar quando é adequado referir-se «aos seus atletas» a outros treinadores ou a especialistas do desporto.
7. O treinador deve abster-se de exercer a sua função em situações pouco apropriadas ou pouco claras e que comprometam a qualidade do seu trabalho, a saúde e a segurança dos atletas.
8. O treinador deve assegurar-se de que «o seu programa de atividades» corresponde às necessidades dos participantes no que se refere à idade, experiência anterior, capacidades, e às condições físicas e psicológicas que lhes são próprias.
9. O treinador deve preparar os atletas de maneira sistemática e progressiva, recorrendo a uma cronologia apropriada e a ajustamentos adequados para os esforços físicos e situações psicológicas.
10. O treinador deve procurar estar sempre apto, física e mentalmente, para exercer as suas obrigações enquanto especialista do treino.



PROPOSTA DE TRABALHO

DOS 10 PADRÕES DE COMPORTAMENTO ÉTICO, MENCIONE CINCO POR ORDEM DA IMPORTÂNCIA QUE LHE ATRIBUI.

1. _____
2. _____
3. _____
4. _____
5. _____



RELACIONAMENTO COM OS COLEGAS

O relacionamento com os treinadores da sua modalidade, colegas de profissão, deve merecer uma atenção especial.

1. O treinador deve dirigir-se aos outros treinadores de forma educada, com cortesia, boa-fé e respeito.
2. O treinador deve colaborar corretamente com todos os elementos da sua equipa técnica, colaborando com todos eles e com a devida cortesia, procedendo de igual modo com os colegas das disciplinas relacionadas com o desporto.
3. O treinador deve ser discreto em relação a discussões provocadas por diferenças de opinião e deixar as disputas graves para instâncias apropriadas.
4. O treinador deve assumir responsabilidade pelas ações executadas pelos atletas ou por outros indivíduos que se encontrem sob a sua supervisão de acordo com o princípio de responsabilidade que aceitou no exercício da sua profissão.



PROPOSTA
DE TRABALHO

COMPLETE A FRASE DE ACORDO COM O TEXTO ATRÁS APRESENTADO.

O treinador deve _____ com todos os elementos da _____
_____, colaborando com _____ e com a devida _____,
procedendo de igual modo com os _____ das disciplinas relacionadas com o desporto.

2.3 A integridade no relacionamento com os outros

No universo do desporto, espera-se que todos os treinadores sejam íntegros e que atuem sempre com honestidade, com sinceridade e honradez, em todas as ações de relacionamento com os demais agentes do desporto. O respeito por esses valores é sempre possível quando os treinadores possuem um elevado grau de conhecimento e de segurança sobre si próprios, bem como a capacidade de reflexão crítica acerca de como as suas perspetivas individuais influenciam as interações com todos aqueles que compartilham o mesmo universo desportivo. Para que assim seja, é indispensável que os treinadores procedam de acordo com os padrões éticos que se seguem.



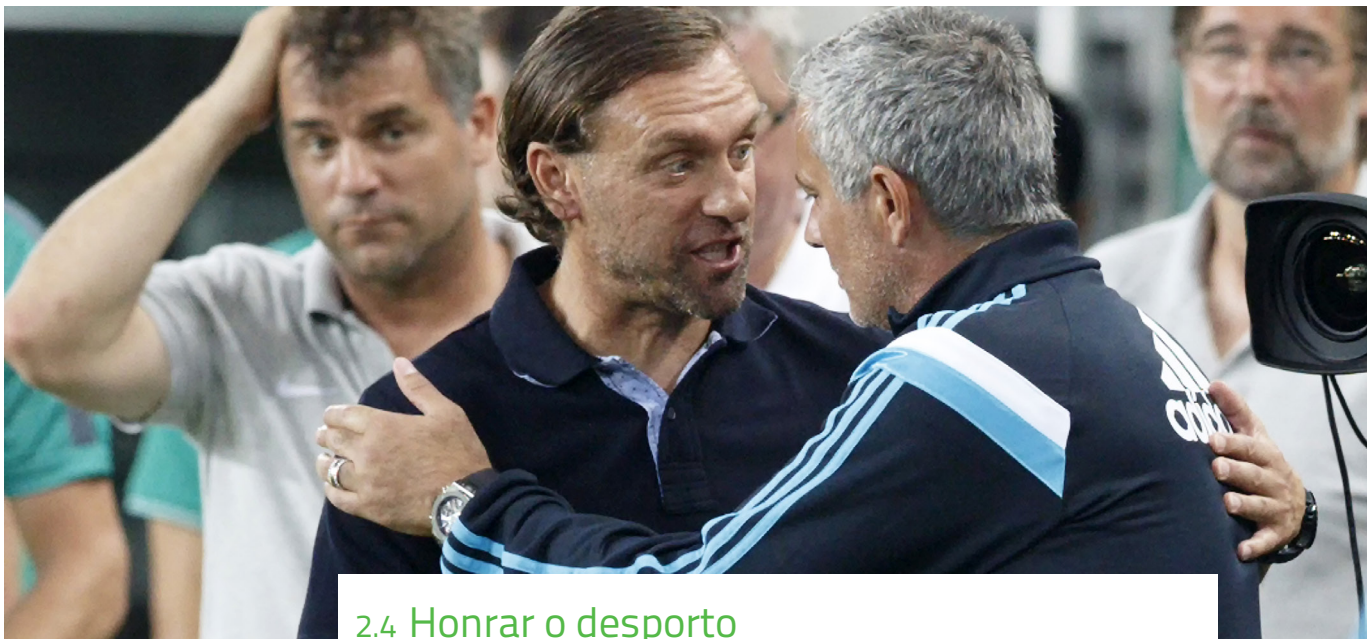
- Analisar com os atletas as expectativas de futuro na modalidade de maneira honesta e aberta, tendo em devida consideração a idade e as experiências individuais.
- Comprovar, por escrito, as suas referências e qualificações profissionais: mencionando a sua experiência, competência, graus de formação técnica e pedagógica. Deve ter o cuidado de usar informações que possam ser facilmente interpretadas.
- Fazer com que os atletas e todos os outros fiquem claramente esclarecidos sobre as suas qualificações como treinador e conhecedores da sua experiência profissional.
- Informar os demais treinadores e técnicos do clube/instituição quando estes fazem parte da equipa técnica com quem vai trabalhar e que vai dirigir.
- Honrar todas as promessas e compromissos, tanto de forma verbal como escrita.
- Agir e atuar com entusiasmo e apreço genuínos pelo desporto e pela sua modalidade.
- Conhecer os fundamentos das regras da sua modalidade e permanecer fiel ao seu espírito, conhecendo a respetiva justificação e evolução sofrida ao longo do tempo desportivo.
- Aceitar o crédito que lhe atribuem só quando corresponde a trabalho feito ou às ideias de que foi realmente responsável ou autor e atribuir crédito pelo trabalho ou ideias de autoria de outros.
- Ser claro e evitar abusar de relacionamentos com atletas, adjuntos, juízes e árbitros, administradores, dirigentes, entre outros, e impedir situações que possam refletir conflitos de interesses ou lesar os princípios de deontologia profissional.
- Declarar conflitos de interesse quando estes se manifestam e procurar resolvê-los de modo a respeitar os melhores interesses de todos os envolvidos.
- Encorajar os atletas e outros participantes a desenvolver e manter a sua integridade no relacionamento com todos os outros.



PROPOSTA
DE TRABALHO

COMENTE A SEGUINTE AFIRMAÇÃO

«O respeito por esses valores é sempre possível quando os treinadores possuem um elevado grau de conhecimento e de segurança sobre si próprios, bem como a capacidade de reflexão crítica acerca de como as suas perspetivas individuais influenciam as interações com todos aqueles que compartilham o mesmo universo desportivo.»



2.4 Honrar o desporto

Honrar o desporto é um princípio de conduta que leva os treinadores a reconhecer, agir e promover os valores culturais, sociais e educativos do desporto na formação desportiva dos indivíduos, dos grupos humanos e da sociedade em geral. Para os treinadores, honrar o desporto significa:

1. agir e promover os valores relacionados com o desporto e com a função de treinador;
2. encorajar e seguir modelos corretos de atuação nas práticas do treino e da competição;
3. patentear o maior apreço pelo desporto e promover a sua implantação em toda a sociedade.

Para ser fiel a estes princípios, o treinador deve aderir aos seguintes padrões de comportamento ético.

RESPEITAR O ESPÍRITO DESPORTIVO

- Defender e levar à prática os fundamentos positivos do desporto, fair-play, honestidade nas competições e nos esforços realizados, autodisciplina, integridade, crescimento e desenvolvimento, respeito pelo corpo, desafio e realização, alegria do movimento e outros aspetos positivos identificados e valorizados pelos participantes.

- Procurar ativamente reduzir ou eliminar os aspetos potencialmente negativos do desporto - vencer a todo o custo; competir em função da letra das regras e regulamentos, desprezando o espírito das regras; explorar as debilidades dos opositores; recorrer a regimes de treino perniciosos para a saúde e a outros aspetos negativos identificados pelos participantes.

RESPEITAR AS REGRAS

- Aceitar a letra e o espírito das regras que definem e controlam o desporto e as diferentes modalidades desportivas.
- Encorajar os atletas e outros participantes a respeitar e defender as regras e o seu espírito.

RESPEITAR OS JUÍZES E OS ÁRBITROS

- Aceitar a função dos juízes e árbitros na direção das competições como responsáveis pelo cumprimento das regras e dos regulamentos próprios de cada modalidade desportiva.
- Abster-se de ataques pessoais aos juízes e árbitros, bem como aos outros treinadores, especialmente quando procede a declarações à comunicação social.
- Apoiar as iniciativas que encorajam o espírito desportivo dos participantes nas atividades desportivas.

SER UMA REFERÊNCIA NA SUA MODALIDADE

- Manter os mais exigentes padrões de conduta pessoal e projetar uma imagem positiva do desporto e da sua profissão para os atletas, para os outros treinadores, árbitros, dirigentes, espectadores, profissionais da comunicação social e público em geral.
- Transmitir uma imagem de saúde, de bem-estar, de eficiência funcional nos hábitos pessoais e na aparência quotidiana.
- Promover e manter os mais elevados níveis de disciplina na sua função de treinador.





PROPOSTA
DE TRABALHO

Comento o significado profissional e social de um treinador «honrar o desporto».

- ✓ Encorajar e apoiar medidas que promovam a educação, o conhecimento, o desenvolvimento e a investigação nos domínios do treino e do desporto.
- ✓ Contribuir para o desenvolvimento da profissão trocando experiências e conhecimentos com os colegas, com atletas e estudiosos, e frequentando cursos quer como participantes, quer como preletores.
- ✓ Encorajar os atletas e outros participantes a honrar o desporto ao longo de toda a vida.

2.5 Áreas de relacionamento do treinador

No exercício de todas as atividades próprias do treinador, tal implica sempre que se proceda a intervenções concretas e diretas nas seguintes áreas de relacionamento:

1. com os jogadores da equipa a quem se ensina, a quem orienta e a quem dirige;
2. com os jogadores e membros das equipas com quem se enfrenta na competição;
3. com os árbitros, juízes e oficiais de jogo;
4. com os espetadores,
5. com os dirigentes em geral,
6. com os elementos do enquadramento da equipa sob a sua orientação (adjuntos, dirigente vinculado à equipa, médico de desporto, psicólogo, massagista, entre outros) em conformidade com a dimensão e estrutura da equipa técnica de apoio à sua função;
7. Com os agentes da comunicação social.

No que se refere aos jogadores da «sua equipa», se o treinador deve fazer tudo para que a equipa ganhe, é evidente que terá de agir no pleno respeito pela ética desportiva, pelas regras de jogo, pelos regulamentos e pela deontologia da sua função profissional. O treinador tem a obrigação de defender a saúde dos atletas/jogadores, deve assegurar o equilíbrio do desenvolvimento dos jovens e promover a formação da personalidade dos atletas e jogadores. A manutenção do bem-estar dos jogadores, a nível físico, emocional e psicológico, é da responsabilidade do treinador e não deverá ser imputada a qualquer elemento da equipa técnica que o apoia.

O relacionamento com os jogadores/atletas deverá ir ao encontro das necessidades e interesses de cada um, de modo a reforçar os interesses coletivos da equipa e do clube ou coletividade que representam. O treinador deverá atuar

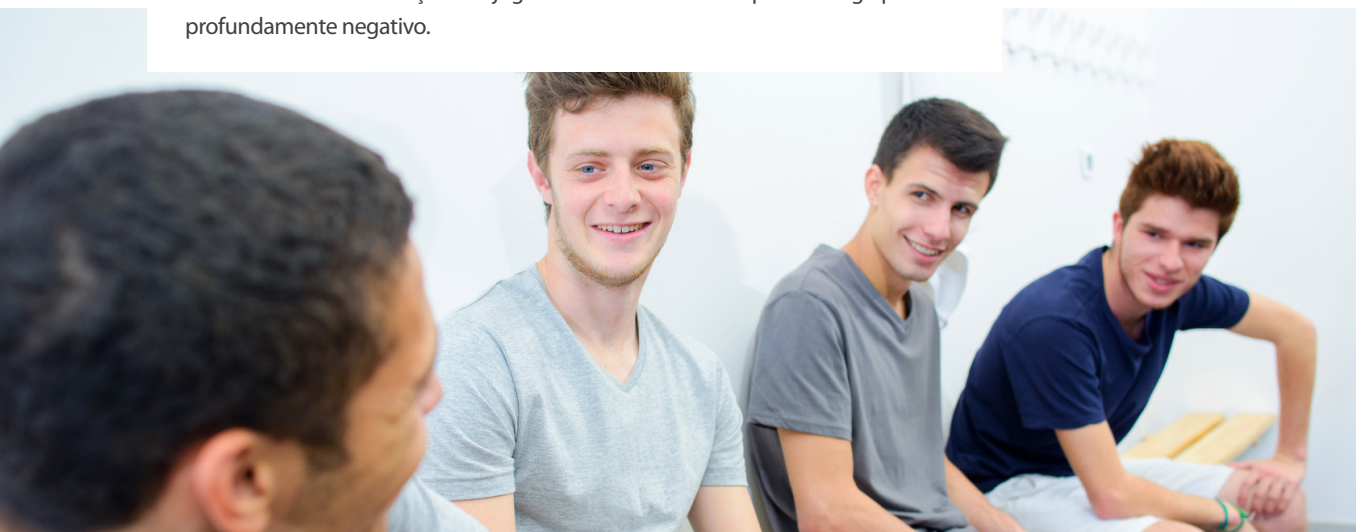


cuidadosamente, tratando os jogadores/atletas com pleno respeito pela sua personalidade sem deixar de atender aos interesses da equipa. É esta atitude que lhe permite exigir aos jogadores/atletas uma atitude de respeito em relação a si próprio enquanto treinador. É óbvio que a conduta do treinador acaba por constituir «um modelo», positivo ou negativo, que os jogadores/atletas observam, avaliam (aprovando ou reprovando) e adotam (seguem) nas mesmas situações em que aquela se manifesta. Assim, um treinador insensível às necessidades individuais dos jogadores/atletas promove entre estes um procedimento idêntico para com os companheiros, para com a equipa e para consigo próprio.

O treinador deverá tratar os jogadores/atletas com firmeza e justiça se pretende efetivamente conquistar o seu respeito e a sua lealdade. Os jogadores e os atletas deverão ser tratados com igualdade de modo que esta não seja apenas uma palavra vazia de sentido concreto. É indispensável que os atos do treinador provem, na prática, que os jogadores/atletas são iguais perante o treinador e que «o valor competitivo» de cada um não implica tratamento diferenciado.

Os jogadores e os atletas representam «o seu clube» pelo que a sua conduta antes, durante e depois da competição afeta sempre o prestígio e a imagem social e desportiva do clube. Os aspetos da conduta global dos jogadores ou dos atletas, no vestiário que usam na representação social e no vestuário desportivo que envergam na competição, o comportamento cívico em lugares públicos (restaurantes, transportes públicos, entre outros) são fatores significativos e importantes para a coesão e dinâmica da equipa. O comportamento no vestiário não deve deixar de integrar-se em normas adequadas visto que não é de admitir atitudes impróprias, cabendo ao treinador definir regras de conduta que também ali deverão ser respeitadas. Independentemente da sua própria consciencialização, o treinador é um educador e se não se assume a si próprio como tal, o seu contributo na formação dos jogadores /atletas será sempre e a longo prazo profundamente negativo.

! Os jogadores e os atletas representam «o seu clube» pelo que a sua conduta antes, durante e depois da competição afeta sempre o prestígio e a imagem social e desportiva do clube.





A liderança é entendida como a capacidade que o treinador tem de influenciar o modo de atuar de um determinado grupo de indivíduos, tendo em vista alcançar objetivos específicos. É evidente que o treinador deve ser um líder.



Treinador
=
DE CONFIANÇA
+
RESPEITÁVEL
+
RESPONSÁVEL
+
JUSTO
+
CUIDADOSO
+
BOM CIDADÃO

No âmbito deste relacionamento, o treinador deve ser um líder, deve exercer uma liderança responsável e consciente. O treinador tem de entender, com toda a clareza, o que é a liderança. A liderança é entendida como a capacidade que o treinador tem de influenciar o modo de atuar de um determinado grupo de indivíduos, tendo em vista alcançar objetivos específicos. É evidente que o treinador deve ser um líder. A competição desportiva tem um tremendíssimo impacto na cultura ocidental, exercendo uma enorme influência sobre os valores respeitados por milhões de praticantes e de espectadores. As práticas competitivas das modalidades desportivas organizadas e as atividades desportivas extracurriculares têm um impacto positivo sobre a juventude. O desporto cria e dá valiosas lições no que respeita ao trabalho de equipa, à disciplina e ao desportivismo. O caráter dos praticantes e dos espectadores é muito influenciado pelos treinadores e pelos atletas de alto nível, que funcionam socialmente como modelos seguidos por uma larga legião de jovens que fazem desporto. Muitos são os países que, respeitando a Carta Olímpica, entendem e orientam o desporto como um fator de construção do caráter tanto para as crianças como para os jovens, tanto para os treinadores como para os espectadores. Muitos defendem que, no desporto, os seis pilares do caráter são ser de confiança, ser respeitável, ser responsável, ser justo, ser cuidadoso e ser bom cidadão.

Neste quadro, o treinador:

É DE CONFIANÇA.

Esta qualidade tem de estar sempre presente no comportamento e nas atitudes do treinador e no seu relacionamento com todos os membros do universo desportivo.



- 1) É ÍNTEGRO. Defende as suas crenças. Segue a sua consciência. É honrado e correto. Vive de acordo com os seus princípios independentemente do que os outros possam dizer. Tem a coragem de fazer o que está certo e tentar novas coisas mesmo quando são difíceis, custosas ou que possam falhar. Constrói e defende a sua reputação e o seu nome. Não faz aquilo que sabe ser errado. Não perde a força de vontade e não desiste quando falha ou quando não consegue logo aquilo que quer.
- 2) É LEAL. Está pronto e avança sempre para defender a sua família, amigos, escola e comunidade. É um amigo fiel. Ajuda aqueles que se preocupam com ele. Guarda os segredos daqueles que confiam nele. Não trai uma confiança, não permite que os seus amigos se lesem a si próprios, fazendo qualquer coisa que os prejudique, não espalha boatos.
- 3) É HONESTO. Diz toda a verdade e nada mais do que a verdade. É sincero. É direto e verdadeiro. Não mente, não faz batota, não rouba ou faz desaparecer uma coisa, não faz truques, não é enganador.
- 4) É CUMPRIDOR DO QUE PROMETE. Mantém as suas promessas. Honra a sua palavra e os seus compromissos. É confiável. Faz aquilo que esperam dele. Devolve aquilo que lhe foi emprestado. Paga as suas dívidas. É pontual.

É RESPEITOSO.

Recorre sempre a boas maneiras no relacionamento com as pessoas que constituem o universo do desporto, em conformidade com o grau de aproximação de que goza cada um dos membros da sua constelação na modalidade de desporto em que atua.

- 1) É CORTÊS. Tem boas maneiras, mantém sempre a cortesia no tratamento das outras pessoas. É educado e polido. Trata todos com elevação.
- 2) CUMPRE A REGRA DE OURO. Trata os outros da mesma forma como deseja ser tratado. Respeita a dignidade e a honra de todos, pelo que eles são e não pelo que possam fazer a seu favor. Respeita a propriedade dos outros - não ofende a independência dos outros. Não usa, não manipula, não abusa, não humilha ou não maltrata ninguém.
- 3) TOLERA E ACEITA. Julga os outros pelo seu carácter, pelas suas capacidades e pelas suas condutas e não pela raça, religião, género, lugar onde vivem, modo de vestir ou pelo dinheiro que têm. É tolerante, respeitador e recebe com abertura aqueles que são diferentes de si próprio. Ouve os outros e tenta entender o ponto de vista de cada um sobre as matérias comuns.





- 4) NÃO ADMITE A VIOLÊNCIA. Resolve discussões e desacordos, intervém no caso de insultos, lida pacificamente com a ira e a violência. Não recorre a ameaças ou à força física para impor o que quer ou para expressar ressentimento. Não é um provocador. Não tolera que alguém provoque outra pessoa mais fraca ou mais pequena.

É RESPONSÁVEL.

Aceita e cumpre as responsabilidades atinentes às suas tarefas como treinador.

- 1) SABE OS SEUS DEVERES. Conhece bem os seus deveres e cumpre-os com consciência e retidão. Tem conhecimento e vai ao encontro das suas obrigações legais e morais.
- 2) É RESPONSÁVEL. Assume toda a responsabilidade e consequências das suas escolhas, não só pelo que faz mas também pelo que não faz. Pensa acerca das consequências para si e para os outros antes de agir. Pensa a longo termo. Faz o que pensa resolver melhor as coisas. Dá um bom exemplo. Não olha para o lado quando tem de aceitar a sua responsabilidade no que está a acontecer. Não inventa desculpas ou censura e aponta o dedo a outros.
- 3) É PERFECCIONISTA. Faz sempre o seu melhor. É perseverante. Não desiste. Está sempre preparado. É diligente. Trabalha sempre no duro. Faz com que tudo mereça a pena e tem orgulho nisso.
- 4) TEM AUTOCONTROLO. Encarrega-se de tudo na sua vida. Estabelece metas e objetivos realistas. Mantém uma visão positiva sobre todas as coisas. É prudente e autodisciplinado com a saúde, emoções, tempo e dinheiro. É racional – age por força da razão e não pela ansiedade, nem pela força do medo ou da vingança. Conhece bem a diferença entre o que tem direito a fazer e aquilo que é correto fazer. É autoconfiante – regula a sua vida de modo a não ser dependente de outros. Paga por si próprio sempre que pode.

É JUSTO.

Quando mantém um relacionamento simultâneo com vários atletas, é justo e imparcial para com todos, individual e coletivamente.

- 1) É JUSTO E IMPARCIAL. Trata todos os jogadores e atletas de maneira imparcial, sem favorecer ninguém e de acordo com o mesmo critério sempre que se trata de avaliar as respetivas capacidades individuais. Toma decisões de acordo com as considerações concretas, certas e



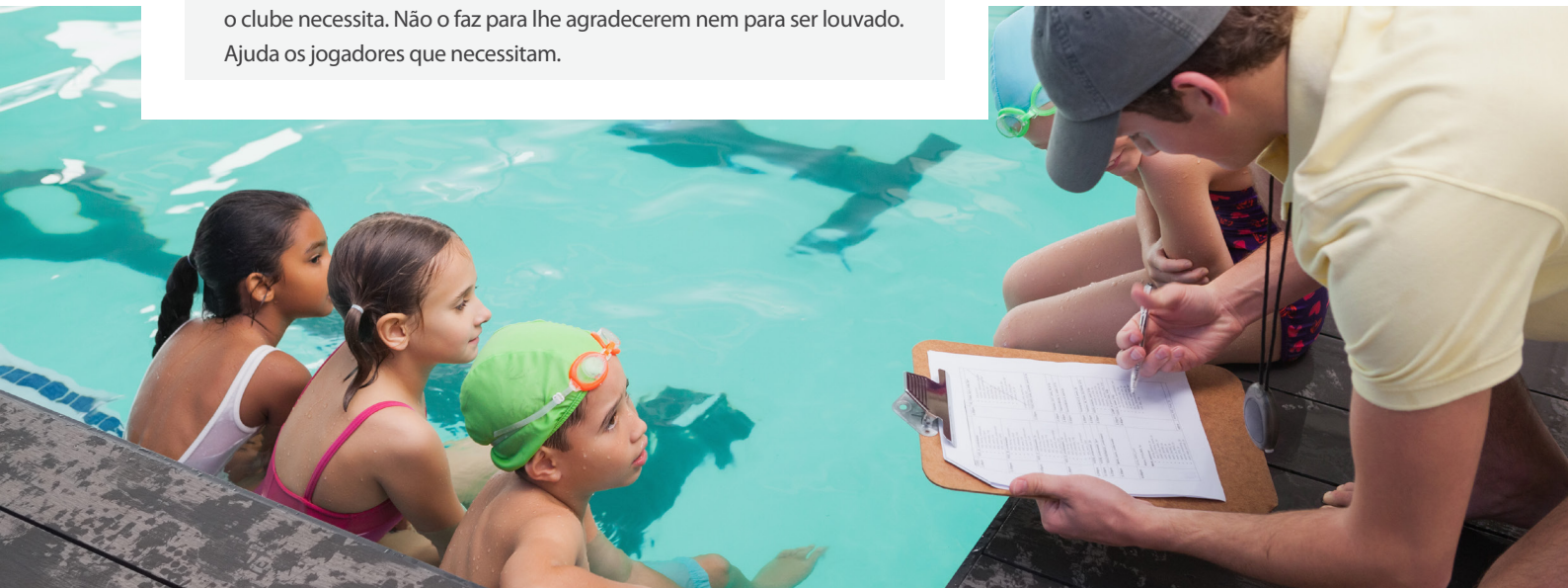
proporcionais aos eventuais erros cometidos – nem demasiado rigorosos nem demasiado tolerantes. Não toma em consideração mais do que a devida parte. Não tira partido de uma situação nem censura/nem castiga, seja quem for, com injustiça.

- 2) **MANTÉM UMA ATITUDE DE ABERTURA.** É um homem de atitude aberta e imparcial – ouve as pessoas interessadas, atende-as e tem em conta aqueles que tem algo a dizer antes de tomar decisões. É cuidadoso: identifica os factos, incluindo os pontos de vista opostos antes de tomar decisões, especialmente censurando ou acusando uma das partes.

É CUIDADOSO.

Mostra preocupação pelos interesses de todos os elementos da equipa, tratando todas as partes com imparcialidade e «boa cara», com cordialidade e devida atenção.

- 1) **É ATENCIOSO E SIMPÁTICO COM TODOS.** É delicado sem mostrar fraqueza, é agradecido e expressa gratidão pelo que os outros fazem pela equipa e pelos valores coletivos que todos respeitam. Desculpa muitas das imprecisões e das falhas cometidas pelos que são por si avaliados. Não é cruel, torcido ou insensível perante situações que resultam da emotividade dos participantes nas competições.
- 2) **É CARIDOSO.** É altruísta. Dá tempo, apoio e, por vezes, dinheiro, quando o clube necessita. Não o faz para lhe agradecerem nem para ser louvado. Ajuda os jogadores que necessitam.





PROPOSTA
DE TRABALHO

COMENTE ESTA AFIRMAÇÃO E RELACIONE COM A IMPORTÂNCIA DOS SEIS PILARES DO CARÁTER REFERIDOS PARA O TREINADOR.

«O caráter dos praticantes e dos espectadores é muito influenciado pelos treinadores e pelos atletas de alto nível, que funcionam socialmente como modelos seguidos por uma larga legião de jovens que fazem desporto».

É BOM CIDADÃO.

Cumpre com as boas regras de cidadania. É um bom cidadão e um bom vizinho. Mostra interesse em participar no bem comum.

- 1) É UM CIDADÃO CUMPRIDOR DAS LEIS. É um cidadão que participa nas políticas do ambiente, da conservação do meio e das fontes de energia, da redução da poluição, entre outras, tomando parte em determinadas iniciativas dos poderes públicos. Participa, votando e frequentando alguns círculos onde pode denunciar alguns problemas de ordem cívica. PAGA OS SEUS IMPOSTOS.
- 2) É UM RESPEITADOR DA AUTORIDADE E DAS LEIS. Joga de acordo com as regras. Observa as regras sociais. Honra e respeita os princípios da democracia.

Conclusões

A filosofia de responsabilidade é um princípio que deve ser seguido pelo treinador em todas as suas atividades visando o benefício da sociedade em geral e dos participantes em particular sem nunca pretender prejudicá-los.

Este objetivo orienta todas as intervenções do treinador de modo que:

- atue no melhor interesse do desenvolvimento do praticante;
- reconheça o poder inerente à função de treinador;
- tenha consciência dos seus valores pessoais e como esses valores afetam as práticas que ministra;
- reconheça as limitações dos seus saberes e conhecimentos.
- aceite a responsabilidade de trabalhar com outros treinadores e outros profissionais do desporto.

Honar o desporto é um princípio de conduta que leva os treinadores a reconhecer, agir e promover os valores culturais, sociais e educativos do desporto na formação desportiva dos indivíduos, dos grupos humanos e da sociedade em geral. **Honar o desporto é um objetivo que significa para os formandos:**

- agir e promover os valores relacionados com o desporto e com a função de treinador;
- encorajar e seguir modelos corretos de atuação nas práticas do treino e da competição;
- patentear o maior apreço pelo desporto e promover a sua implantação em toda a sociedade.



Para ser fiel a estes princípios, o treinador tem de aderir aos seguintes padrões éticos:

- respeitar o espírito desportivo;
- respeitar as regras;
- respeitar os juizes e os árbitros;
- ser uma referência na sua modalidade.

Para adquirir este perfil, o treinador tem de ser:

- de confiança;
- íntegro;
- leal;
- honesto;
- cumpridor do que promete




PROPOSTA
DE TRABALHO

Dê a sua opinião quanto à importância da filosofia de responsabilidade a ser assumida pelo treinador.

O que significa para si «honrar o desporto»?

Índice

3. SER TREINADOR: SABER ESTAR E SABER SER	31
3.1 O treinador enquanto motivador	31
3.2 Saber ser treinador	33
3.2.1 «Aprender a conhecer»	33
3.2.2 «Aprender a fazer»	33
3.2.3 «Aprender a viver na sociedade desportiva»	34
3.2.4 «Aprender a ser treinador»	34
3.2.5 «Aprender a saber estar»	34
3.3 Saber estar	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37

- 
1. O(A) TREINADOR(A) DE GRAU I NO CONTEXTO DA PEDAGOGIA APLICADA AO DESPORTO
 2. A INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA DO(A) TREINADOR(A) DE GRAU I
 3. OS PAIS NA PRÁTICA DESPORTIVA DAS CRIANÇAS E JOVENS



OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

A etapa mais importante do querer ser treinador começa quando o candidato descobre por si próprio e fica convencido de que tem de melhorar a qualidade e a eficácia da sua formação.

3. SER TREINADOR: SABER ESTAR E SABER SER

3.1 O treinador enquanto motivador

A coerência e a solidez da carreira do treinador desportivo dependem, fundamentalmente, da sua bagagem como motivador dos jogadores e dos atletas que integram as equipas que orienta e dirige. Estamos cada vez mais convencidos de que esta condição é essencial para que o treinador seja bem-sucedido nas funções que exerce e possa desempenhá-las com eficácia numa perspetiva de profissionalização. Ter sido praticante de uma modalidade desportiva não é condição suficiente para se ser um bom treinador tal como frequentar com êxito um curso de formação de treinador não é uma garantia para se ser um grande treinador de uma determinada modalidade desportiva.

Não se trata de uma bagagem que possa ser adquirida e desenvolvida a curto prazo. Não é por se ter sido um praticante de qualidade durante muitos anos que se assegura a competência indispensável que se exige a quem pretende ser um bom treinador. O futuro treinador tem de trabalhar algumas épocas de modo a adquirir e aprofundar saberes concretos que só podem ser elaborados e dominados na prática concreta do ser treinador. É na transmissão desses saberes que o treinador, apelando à pedagogia concreta do ensino e do treino, adquire a arte de ser treinador. É nesta fase que se descobre a imensidão dos conhecimentos necessários para orientar e dirigir bem e corretamente os jogadores cujas prestações competitivas se pretende ver superadas face à oposição encontrada. Passada esta fase, surge a necessidade de saber controlar a sua maneira de estar como treinador junto dos jogadores ou dos atletas e no relacionamento com todas as outras personalidades que participam nas atividades da sua modalidade. É o saber estar que vai exigir a sua preparação como motivador. Essa preparação é, com efeito, uma exigência quando atendemos a que cada jogador ou cada atleta tem uma personalidade própria e tem direito à diferença.



PROPOSTA
DE TRABALHO

COMENTE A SEGUINTE AFIRMAÇÃO

«O futuro treinador tem de trabalhar algumas épocas de modo a adquirir e aprofundar saberes concretos que só podem ser elaborados e dominados na prática concreta do ser treinador.»



Por outro lado, as intervenções do treinador só serão eficazes na medida em que constituam, objetivamente, a motivação adequada à situação, à recetividade, às características da personalidade de cada um dos jogadores ou atletas. É neste âmbito que se joga a tarefa mais aliciante do treinador: desenvolver em cada participante a própria automotivação, tal qual se desenvolvem as demais capacidades que contribuem para a melhoria da prestação competitiva individual de modo a decidir com eficácia o ato tático adequado ao «modelo de jogo» preparado na colaboração binária estabelecida entre praticantes e treinador. Se o treinador, na direção da equipa, em plena competição, tem de comunicar com o coletivo, jogadores em campo e jogadores substitutos, deve motivar todos usando palavras que, destinadas ao grupo, têm necessariamente de constituir «chaves» cujo significado seja perfeitamente entendido por cada uma das personalidades do grupo.

Esta questão assume uma tremenda importância a partir do momento em que o treinador entende que os jogadores não respondem da mesma maneira à motivação representada pelas suas intervenções, sejam estas individuais ou coletivas.



A influência do treinador, enquanto motivador, tem como suporte imprescindível as suas qualidades de liderança, efetivamente exercida, sem as quais não conseguirá dirigir qualquer grupo de jogadores ou de atletas.

São as qualidades de liderança que estabelecem o traço de união entre jogadores e treinador, uma união que se desenvolve pelo facto de ser reconhecida e aceite uma marcada diferença de maturidades em todos os níveis da modalidade, da cultura desportiva e da vida pessoal do treinador. É a nível emocional que as qualidades de liderança recebem da parte dos jogadores o reconhecimento mais profundo e duradouro, ficando esse reconhecimento muito além da vida desportiva propriamente dita. É precisamente nestes aspetos que os contributos escritos pelos treinadores constituem uma vertente indispensável «na formação recorrente» que hoje em dia se defende como uma ação organizada destinada a valorizar a capacidade de intervenção dos treinadores no processo de desenvolvimento desportivo nacional.



Não é admissível ficar à espera que um treinador faça a sua carreira de 30 ou 40 anos de prática profissional para concluir então que, para ser um treinador de «alto nível», tem de percorrer obrigatoriamente um caminho amargo, marcado pela solidão, pelo ostracismo, sem repartir os seus anseios, dúvidas e projetos com «os oficiais do mesmo ofício». Começa-se a saber ser treinador quando se ganha coragem para abrir «uma correspondência pessoal» com outros treinadores, abordando problemas comuns e construindo pontes que levam a um novo entendimento da modalidade e da função que se exerce no universo desportivo.

3.2 Saber ser treinador

A etapa mais importante do querer ser treinador começa quando o candidato descobre por si próprio e fica convencido de que tem de melhorar a qualidade e a eficácia da sua formação. É nesta etapa que começa a entender a necessidade de assegurar a sua formação permanente como uma via indispensável ao papel central que deve desempenhar no desenvolvimento da modalidade que elegeu. **Se tiver oportunidade, descobrirá então que necessita de aprender a conhecer, de aprender a fazer, de aprender a saber estar no universo da sua modalidade e do desporto em geral:**

3.2.1 «APRENDER A CONHECER»

O «**aprender a conhecer**» implica uma atitude e uma disponibilidade para as aquisições de uma cultura geral que lhe permitem estabelecer o relacionamento concreto com os jogadores e com todos os membros do desporto na medida em que cada um destes seus interlocutores se caracteriza por uma bagagem cultural nitidamente diferenciada. Estas aquisições têm de ser articuladas com os conhecimentos especializados que definem o perfil da sua função de treinador. Esta disponibilidade acarreta ainda o aprender a aprender com os seus próprios erros.

3.2.2 «APRENDER A FAZER»

O «**aprender a fazer**» tem a ver com a qualificação que deve alcançar para que o seu desempenho seja apoiado em competências adquiridas no domínio das atividades concretas do «saber treinar» e dirigir a formação dos jogadores/atletas. Trata-se de um aprender a fazer que se caracteriza segundo duas vertentes de intervenção: uma no âmbito privado do exercício da sua função como treinador junto dos praticantes e cujos testemunhos presenciais se limitam aos elementos relacionados com o enquadramento da equipa que dirige; outra no domínio público, que se caracteriza pela presença social da equipa sempre que participa nas competições e representa a instituição a que a equipa está vinculada.





PROPOSTA
DE TRABALHO

**DESENVOLVA POR PALAVRAS
E IDEIAS SUAS A SEGUINTE
AFIRMAÇÃO ENCONTRANDO
AS ALTERNATIVAS POSSÍVEIS.**

«Saber ser treinador não é um saber que se possui quando se termina a carreira de praticante, quando se faz a autotransferência de qualquer lugar da bancada para o banco da equipa que atua no terreno ou quando se procede à passagem de crítico de uma modalidade para a função que é exercida dentro das linhas de jogo».

3.2.3 «APRENDER A VIVER NA SOCIEDADE DESPORTIVA»

O «**aprender a viver na sociedade desportiva**» implica determinação para aprofundar o desenvolvimento da compreensão dos outros agentes desportivos, da perceção das independências que se manifestam no universo do desporto, do respeito pelos valores humanos, sociais e culturais que se perspetivam no desporto entendido como área social de particular impacto na vida atual.

3.2.4 «APRENDER A SER TREINADOR»

O «**aprender a ser treinador**» surge como uma obrigação consciente entendida na linha do «sei que nada sei» resultante do desenvolvimento da sua personalidade e do desejo profundo de estar à altura da sua autoimagem e de agir cada vez com maior autonomia, discernimento e responsabilidade pessoal. Trata-se de uma atitude que é hoje sentida como uma condição socialmente necessária, na medida em que se constata que a formação inicial não assegura os conhecimentos e os saberes a utilizar por toda a carreira e para toda a vida.

3.2.5 «APRENDER A SABER ESTAR»

O «**aprender a saber estar**» resulta de todas as aprendizagens anteriores e constitui, a nosso ver, a última aquisição na arte de ser treinador. O saber estar ganha uma relevância decisiva a partir do momento em que o treinador entende que, para ser um motivador correto, respeitando o direito dos outros e o direito à diferença, tem de estar com os outros segundo uma perspetiva de valorização e personalização de todos os seus pares das atividades desportivas.

Saber ser treinador não é um saber que se possui quando se termina a carreira de praticante, quando se faz a autotransferência de qualquer lugar da bancada para o banco da equipa que atua no terreno ou quando se procede à passagem de crítico de uma modalidade para a função que é exercida dentro das linhas de jogo. Para nós, é um saber que se constrói a partir do momento em que se toma a decisão de querer conhecer o mais possível sobre a modalidade com a finalidade de transmitir aos jogadores/atletas todos os conhecimentos que contribuem para a valorização progressiva das respetivas prestações competitivas e o desenvolvimento da personalidade individual de cada um deles. Entre nós, ser treinador tem ainda muito das tradições dos nossos antigos «pilotos navegadores» que escreviam os seus «secretos portulanos», não para os divulgar entre as gentes do mesmo ofício mas para serem eles os donos do saber navegar e que tinham de ser usados para chegar a bom porto. Por esta via podem descobrir-se caminhos, mas não se aceleram o progresso e o desenvolvimento desportivo.

Há que mudar com urgência a formação desportiva dos portugueses e os treinadores têm de ser os primeiros a fazê-lo com a sua própria formação se, efetivamente, pretendem contribuir para o real desenvolvimento do desporto entendido como prática social a que o cidadão tem direito e como ato cultural



que dá suporte ao desenvolvimento da personalidade. Ser treinador surge como um projeto pessoal para quem gosta de uma modalidade desportiva e se sente vocacionado para ensinar e para treinar os outros, implica saberes que se consolidam quando se começa a perguntar a si próprio quais os objetivos do seu trabalho e todos os porquês sobre o que deve fazer (O que fazer, Como fazer, Quando fazer, Porque fazer, Se fizer isto, o que acontece?) para que esses objetivos coincidam com as aspirações dos jogadores e dos atletas.



A nosso ver, começa-se a saber ser treinador « quando descobrimos e aceitamos que os jogadores é que fazem as equipas » e que, antes de mais, os jogadores jogam para si próprios e para aquilo que o Desporto lhes pode proporcionar e não para os espectadores, para o treinador ou para a instituição que representam.

Há que reconhecer que, em primeiro lugar, os jogadores, ao aspirarem à sua realização pessoal, ao pretenderem construir a sua autoimagem e ao desejarem conquistar um estatuto individual e social, jogam de facto para si próprios! Esta atitude manifesta-se, sem tibiezas, a partir do momento em que, numa perspetiva de futuro, os jogadores se dão conta de tudo aquilo que o Desporto, como vertente de ascensão social, lhes pode proporcionar com vista à sua inserção desportiva e social. Só na qualidade, convictamente assumida, de profissional do espetáculo desportivo é que o jogador se disponibiliza para jogar para os espectadores de acordo com o lema the show must go on («o espetáculo deve continuar sempre»).

Jogar para os companheiros, jogar para a equipa, jogar para o clube e jogar para o treinador representam atitudes que se manifestam num contexto cultural e social das práticas desportivas reconhecidas como fator de valorização humana e como fator decisivo de socialização dos jovens. Acreditamos que é nesse momento que o treinador passa a atuar como um verdadeiro catalisador no processo de formação da equipa, da coesão do grupo e da transformação consentida das metas individuais em objetivos coletivos, integrando aquelas num conceito defendido por todos – a equipa acima de tudo! Saber ser treinador no processo de formação de uma equipa implica sempre ser capaz de proporcionar a todos os jogadores alguns momentos de, em competição, jogarem para si próprios!

Saber ser treinador passa por saber valorizar, no momento justo, a importância da organização dos seus próprios conhecimentos, da organização do seu trabalho, da necessidade de conhecer e transmitir os pormenores que asseguram a eficácia das ações técnico-táticas, da relação entre as suas decisões e os riscos



PROPOSTA
DE TRABALHO

**DESENVOLVA A
SEGUINTE FRASE**

«Há que mudar com urgência a formação desportiva dos portugueses...»

que delas decorrem, do incondicional suporte que os jogadores esperam da sua parte, do equilíbrio entre a exigência de trabalho árduo e «as folgas» que devem ser proporcionadas em todas as vertentes do treino, bem como em determinados períodos de grande intensidade competitiva.

Saber ser treinador é saber transmitir aos jogadores como os efeitos/resultados do treino, por eles sentidos, por eles observados, avaliados, mensurados e salientados pelo próprio treinador contribuem para a realização das suas metas individuais e dos êxitos da equipa.

3.3 Saber estar

Saber estar como treinador, no início da carreira, limita-se praticamente a um conjunto de atitudes de respeito pelas regras de jogo, pela atuação das equipas de arbitragem e pelo comportamento das equipas adversárias. É uma atitude que vai sendo enriquecida na medida em que o treinador passa a entender «o papel da comunicação» com todos os elementos que partilham, ao mesmo tempo, as atividades da sua modalidade.

Saber estar começa a manifestar-se quando o treinador comunica com os jogadores de acordo com um relacionamento, utilizando «ora os nomes de guerra ora os nomes próprios de cada um deles», marcando uma diferença que tem um significado especial. Quando usa «os nomes de guerra», a comunicação dirige-se ao coletivo; quando pretende comunicar com um jogador, a título individual, deve recorrer ao respetivo nome próprio, significando que a sua intervenção respeita apenas a um determinado jogador e deverá, portanto, ser feita de um modo privado que respeite a relação pessoa a pessoa!



Saber estar corresponde a um processo de valorização do treinador que se inicia quando, por si próprio, entende a necessidade de proceder à sua autoavaliação de um modo constante, consciente e responsável.

Com efeito, quando o treinador se apercebe de que o processo global da sua modalidade depende do desenvolvimento social e cultural do País, dá-se conta da necessidade de alterar todo o seu modo de estar no desporto e, especialmente, na sua modalidade.

É certo que será na atividade como treinador da modalidade que vai alterando a sua forma de estar como consequência de uma convicção profunda que o leva a pretender que todas as suas intervenções tenham um reflexo positivo no desenvolvimento desportivo do seu país. É através da análise da evolução da sua modalidade, no seio das estruturas sociais, que a sua forma de estar de treinador vai sendo alterada no sentido de acompanhar as mudanças que contribuem para consolidar o desenvolvimento desportivo como reflexo do desenvolvimento social.

A sua forma de estar manifesta-se, então, por intervenções que assumem características de propostas de mudança fundamentadas nas conclusões das análises levadas a cabo na avaliação sistemática das atividades concretas em que participa. É neste âmbito que a sua disponibilidade para «discutir a modalidade» em todas as suas vertentes surge como uma constante do seu saber estar. Esta transformação levá-lo-á a concluir que a comunicação social tem de ser o seu grande aliado na defesa do desenvolvimento da sua modalidade e do progresso do desporto. É este o quadro do saber ser e do saber estar que, em nossa opinião, contém as grandes metas a alcançar por quem pretende, em consciência e em plena responsabilidade de cidadão, seguir a carreira de treinador desportivo.





PROPOSTA
DE TRABALHO

RELACIONE O
«saber ser treinador»
COM O
«saber estar».



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Esteves, J. S. (1970). *O Desporto e as Estruturas Sociais*. Prelo Editora. Lisboa. 2.ª Edição.

Carvalho, A. M. (sem data). *Desporto Educativo Escolar*. DGD. Lisboa.

Crespo, J. (1976). *O desenvolvimento do desporto em Portugal*. Edições ISEF. Cruz Quebrada. Lisboa.

Guay, Donald (1993). *La Culture Sportive*. Presses Universitaires de France. Paris. Pag. 10

Pereira, J. P. (2002). *Um país envenenado pela irrelevância*. Público, 20 Junho 2002. Pag. 9

Lima, Teotónio (1981). *Alta Competição. Desporto de Dimensões Humanas?* Livros Horizonte. Pag.55/58

Raposo, Vasconcelos (2010). *Formar treinadores*. Opinião, Jornal A Bola. Pag. 39. 20 maio

FICHA TÉCNICA

PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE TREINADORES
MANUAIS DE FORMAÇÃO - GRAU II

EDIÇÃO

INSTITUTO PORTUGUÊS DO DESPORTO E JUVENTUDE, I.P.
Rua Rodrigo da Fonseca nº55
1250-190 Lisboa
E-mail: geral@ipdj.pt

AUTORES

CLÁUDIA MINDERICO

NUTRIÇÃO, TREINO E COMPETIÇÃO

FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE DESPORTO PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

DESPORTO PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

JOÃO PAULO VILAS-BOAS

BIOMECÂNICA DO DESPORTO

JOSÉ GOMES PEREIRA

FISIOLOGIA DO EXERCÍCIO

LUÍS HORTA

LUTA CONTRA A DOPAGEM

OLÍMPIO COELHO

PEDAGOGIA DO DESPORTO

PAULO CUNHA

TEORIA E METODOLOGIA DO TREINO DESPOTIVO - MODALIDADES COLETIVAS

RAÚL OLIVEIRA

TRAUMATOLOGIA DO DESPORTO

SIDÓNIO SERPA

PSICOLOGIA DO DESPORTO

TEOTÓNIO LIMA

ÉTICA E DEONTOLOGIA PROFISSIONAL

COORDENAÇÃO DA PRODUÇÃO DE CONTEÚDOS

António Vasconcelos Raposo

COORDENAÇÃO DA EDIÇÃO

DFQ - Departamento de Formação e Qualificação

DESIGN E PAGINAÇÃO

BrunoBate-DesignStudio